

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA NA VOZ DO “POETA DO POVO”:
UM ESTUDO DE VIÉS SOCIOLINGÜÍSTICO DA CANÇÃO
POPULAR “NA ASA DO EVENTO”, DE JOÃO DO VALE**

Thiago de Sousa Amorim (UFPI)

tyagoamorim25@hotmail.com

Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)

lucirenesilva@cchhl.uespi.br

RESUMO

Esta pesquisa busca realizar um estudo sobre a linguagem popular da canção *Na asa do vento*, composta e cantada pelo maranhense João do Vale, conhecido como o “poeta do povo”. Neste sentido, o propósito central deste artigo é analisar a variação fonológica presente nesta canção, na ótica da Sociolinguística. Neste trabalho, adotou-se a pesquisa de cunho bibliográfico, apoiada em autores, tais como: William Labov (2008), Fernando Tarallo (2002), Carlos Alberto Faraco (2006), Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza e Guilherme May (2015), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), dentre outros. Os resultados revelam a influência da linguagem popular peculiar ao falar de João do Vale, em sua produção musical, a partir da análise da canção. De tal modo, é perceptível uma forte interferência da oralidade na produção escrita do autor, materializada nas realizações linguísticas adotadas pelo autor, observadas no nível fonológico da língua, em que foi possível analisar 08 (oito) processos fonológicos distintos, pertinentes a falares negros rurais maranhenses, quais sejam: prótese, monotongação, apócope, iotização, apagamento da nasal palatal /ɲ/, síncope, alçamento vocálico e epêntese.

Palavras-chave:

Processos fonológicos. Variação fonológica. “Na asa do vento”.

RESUMEN

Esta investigación busca realizar un estudio sobre el lenguaje popular de la canción *Na asa do vento*, compuesta y cantada por João do Vale, conocido como el “poeta del pueblo”. En este sentido, el objetivo principal de este artículo es analizar la variación fonológica presente en esta canción, desde la perspectiva de la Sociolingüística. En este trabajo se adoptó la investigación bibliográfica, apoyada por autores como: William Labov (2008), Fernando Tarallo (2002), Carlos Alberto Faraco (2006), Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza y Guilherme May (2015), Seara, Nunes y Lazzarotto-Volcão (2019), entre otros. Los resultados revelan la influencia del peculiar lenguaje popular al hablar de João do Vale, en su producción musical, a partir del análisis de la canción. De tal manera, se nota una fuerte interferencia de la oralidad en la producción escrita del autor, materializada en los logros lingüísticos adoptados por el autor, observados en el nivel fonológico de la lengua, en el cual fue posible analizar 08 (ocho) distintos procesos fonológicos, relevantes para los discursos negros rurales de la gente de Maranhão, a saber: prótesis, mono lengua, apócope, iotización, borrado de la /ɲ/ palatina nasal, síncope, elevación de vocales y epêntesis.

Palabras clave:

Procesos fonológicos. Variación fonológica. “En el ala del viento”.

1. Considerações iniciais

A linguagem utilizada em canções populares nordestinas contribui, sobremaneira, para os estudos sociolinguísticos, sobretudo pela riqueza vocabular pertinente do falar nordestino. Ao analisá-la, é possível verificar que fenômenos linguísticos são peculiares aos diferentes falares dos quais os autores são originários. Neste caminho, é possível se ter uma riqueza de dados que caracterizem a variação linguística nos mais variados níveis da língua, tais como, o morfológico, fonológico, sintático, semântico, lexical e discursivo.

Nessa direção, este estudo tem como tema a variação fonológica na canção popular “Na asa do vento”, do artista musical maranhense João do Vale. Para tanto, o objetivo se centra em analisar os processos fonológicos encontrados nesta canção, em um viés da Sociolinguística.

João Batista do Vale nasceu em 11 de outubro de 1934, em Pedreiras, no Maranhão, vindo a falecer em 6 de dezembro de 1996, em São Luís. Mas conhecido como João do Vale, ele teve uma carreira marcante na Música Popular Brasileira, de modo que muitos artistas consagrados deram voz a muitas de suas composições, como Dolores Duran, Marlene, Nara Leão, Maria Bethânia, Clara Nunes, Chico Buarque, Amelinha, Caetano Veloso, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, Zé Ramalho etc.

O artista pedreirense era oriundo de uma família muito humilde, era neto de escravos e o quinto filho de trabalhadores rurais do interior do Maranhão. A considerar os seus antecedentes, João do Vale tinha de se submeter ao trabalho ainda muito jovem, o que impediu de frequentar a escola desde os nove anos de idade, de acordo com informações colhidas em Barreto (2012). Por ter uma escolarização precária, a fala do compositor era peculiar, apresentando muitas variações linguísticas pertinentes a dialetos negros rurais maranhenses, como se pode averiguar na sua produção musical.

Em relação às suas produções artísticas, elas são caracterizadas a partir de duas esferas distintas: canções com “temas regionais do Nordeste” e “canções de protesto”. Ambas as esferas, atreladas às canções de João do Vale, permitiram que ele viesse a ter um reconhecimento no mercado musical, ficando conhecido por essas razões, como o “poeta do

povo” (BARRETO, 2012, p. 50).

A abordagem deste estudo tem despertado o interesse de pesquisadores brasileiros, que têm olhado para as produções musicais de compositores e cantores de diferentes estados e regiões, com vistas a investigar as realizações de fenômenos fonológicos variacionais, dentre outros, como marcadores da identidade linguística e cultural dos seus idealizadores. A exemplo, pode-se referir a trabalhos de Maria Pereira, Aluiza Araújo e Leydiane Pereira (2017), sobre a variação na canção *A volta da asa branca*, de Luiz Gonzaga; o estudo de Gilvan Santana (2018), que traz uma análise variacionista de fenômenos fonológicos em canções nordestinas; e a pesquisa de Hadassa Welzel e Verônica Birello (2013) sobre a variação linguística nas canções de Adoniran Barbosa.

No que respeita ao cantor e compositor João do Vale, verificou-se que algumas pesquisas já foram realizadas acerca de sua produção musical, sob diferentes pontos de vista teóricos, como o trabalho de Francisco Damazo (2004), Mariana Barreto (2012), Mariana Lima (2016) e Ludmila Braga (2019), só para citar alguns. Em uma busca exaustiva por trabalhos sobre canções de João do Vale na perspectiva da sociolinguística, em plataformas on-line, foi possível verificar que tem sido dada pouca ênfase à produção musical desse artista maranhense, com vistas ao estudo da variação linguística, o que constitui uma lacuna em relação à temática, uma vez que falta estudos variacionistas sobre a produção do referido cantor e compositor. Essa percepção foi o que motivou a realização deste estudo.

Além da necessidade de estudos sobre a produção musical de João do Vale na perspectiva da variação linguística, outro fator que motivou a escolha da temática foi o apreço pessoal pela obra do compositor, que surgiu a partir do conhecimento de sua participação no Show Opinião, ao lado de Nara Leão e Zé Keti, em que a principal canção de sua autoria apresentada era “Carcará”. Além do mais, é importante estudar a vida e obra de artistas de destaque na cultura maranhense, o que acaba sendo, também, uma forma de divulgar a cultura do local.

Para a elaboração deste artigo, foi considerada uma estrutura organizacional que compreende 3 seções essenciais: a primeira traz a abordagem teórica que sustenta o estudo empreendido; a segunda apresenta o percurso metodológico para a execução do trabalho; e a terceira descreve os fenômenos fonológicos encontrados na canção popular “Na asa do vento”, de João do Vale, na perspectiva da Sociolinguística.

2. Aspectos Teóricos sobre a Sociolinguística

Esta pesquisa baseia-se em princípios teóricos sistematizados pela Sociolinguística, ciência que nasceu de novas perspectivas de estudos que toma a língua e a sociedade como eixos significativos que provocaram novas visões e interpretações nos estudos linguísticos do século XX. Assim, a Sociolinguística tem como marco referencial os postulados do linguista americano William Labov (2008 [1972]), destacando-se até a contemporaneidade como um dos principais sociolinguistas, de modo a retratar a relação entre língua e sociedade, por meio de suas pesquisas sobre os ditongos /ay/ e /aw/ em uma ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts e sobre a estratificação do /r/ em lojas de departamento na cidade de Nova York, só para citar algumas delas.

Neste campo de estudo, Fernando Tarallo (2002, p. 57), influenciado por William Labov, traz à baila dois pontos principais que devem ser firmados nos estudos em sociolinguística: “(...) 1. a língua falada é heterogênea e variável; 2. a variabilidade da língua é passível de sistematização (...)”. A partir destas considerações, o autor deixa explícito que a língua falada é susceptível à variação, como um sistema que permite o uso de várias formas para expressar um conteúdo. Neste processo variacional, compete à Sociolinguística, como afirma o autor, o desafio de processar, analisar e sistematizar este universo aparentemente caótico da língua, entendendo a língua como um sistema de comunicação, de informação e expressão entre os indivíduos da espécie humana.

É evidente que toda língua natural pode sofrer variação. Os grupos que realizam a variação linguística têm geralmente baixo prestígio social e sua fala costuma ser julgada pelos adeptos do conservadorismo e normativismo, oriundos da classe mais privilegiada da sociedade. Carlos Alberto Faraco (2006) expõe dois fatores que contribuem para tal conservadorismo: (a) a realização da escrita por meio de uma substância mais duradoura do que o som, que lhe permite um controle social intenso, no qual preserva os padrões da linguagem e rejeita formas inovadoras; e (b) a formalidade da escrita.

Nessa perspectiva, a língua não é tida como um sistema homogêneo e unitário, como acontece no estruturalismo. De acordo com Mattos e Silva (2008), Weinreich critica o efeito revolucionário e a questão da individualidade da linguagem proposta por Ferdinand de Saussure, destacando que, ao distinguir a fala da *langue*, afasta-se do modelo neogramático que, por sua vez, estima a *langue* como social e a fala como indi-

vidual, ressaltando ainda que, na teoria saussuriana não contempla e nem acomoda a heterogeneidade das línguas. Contudo, entendemos que o posicionamento teórico saussuriano se explica, sobretudo, pela escolha epistemológica evidenciada pelo estudioso, a fim de colocar a linguística em um patamar dantes desconhecido, tornando-a a Ciência do uso da linguagem.

Prosseguindo, para outros autores, a linguística foi sendo ampliada e suas relações teórico-metodológicas foram passando por contestações e reformulações. Neste sentido, pode-se destacar que há inúmeras divergências entre as diferentes teorias linguísticas, que são perceptíveis a partir do conceito de língua e do seu objeto de estudo. Dentre as críticas estabelecidas ao modelo saussuriano, relativo à questão da variação e da mudança da língua, cita-se Dante Lucchesi (2004), ao sobrepor dois processos linguísticos que estão intrinsecamente relacionados a esses acontecimentos: a variação e a heterogeneidade. O autor deixa claro que uma vertente teórica que rejeita esses dois processos não é capaz de teorizar sobre a mudança, como é o caso do estruturalismo, que se fundamentava apenas na funcionalidade intraestrutural de um sistema homogêneo e unitário.

2.1. O caso da variação fonológica

Nesta pesquisa, usam-se fundamentos de análise da variação linguística nos moldes da Sociolinguística, de forma a buscar um entendimento do funcionamento dos processos fonológicos presentes na canção *Na asa do vento*, de João do Vale, acerca das relações estabelecidas entre língua, sociedade e falante. Em função disso, é importante trazer o conceito de variação linguística, uma vez que ela é o objeto de estudo desta análise.

Conforme Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza e Guilherme May (2015), conceituar variação implica dizer que há duas ou mais formas em um contexto linguístico de mesmo valor referencial ou de verdade, competindo para expressar um único significado. Para tanto, há forças internas e externas à língua, as quais atuam na realização das variações linguísticas, com vistas a influenciá-las em um maior ou menor grau de favorecimento.

O Brasil possui uma vasta extensão territorial, e, nas suas diversas localidades, é possível encontrar pessoas que falam de forma diferencia-

da, diferenças essas que perpassam todos os níveis linguísticos, tais como, o morfológico, o fonológico, o sintático, o semântico, o discursivo etc. As variações que são encontradas refletem distintas variedades linguísticas, aquelas que são de prestígio (“português correto”, padrão) e aquelas que são sem prestígio (“português errado”, não padrão).

Por este trabalho tratar sobre os processos fonológicos na canção *Na asa do vento*, serão apresentadas apenas noções da variação nesse nível linguístico. De maneira didática, entende-se a variação fonológica como uma categoria teórica que acomoda diferentes formas linguísticas, sobretudo do ponto de vista fonológico, as quais disputam um mesmo significado, como nos exemplos: <bicicleta> e <bicicreta>, duas formas linguísticas que possuem o mesmo valor referencial, mas que possuem diferenças no nível fonológico, pelo fato de o fonema /l/ ter se convertido no fonema /r/, entre uma forma e outra.

Nesta direção, é importante destacar que, para estudar a variação linguística no nível fonológico, é imprescindível a compreensão dos processos fonológicos que podem ocorrer na língua, os quais são compreendidos como:

[...] modificações que os morfemas sofrem quando se combinam para formar palavras. Eles podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos, e esses processos fonológicos podem ser classificados em função das alterações que ocorrem aos segmentos. (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLÇÃO, 2019, p. 140)

Tendo-se feito estas considerações a respeito da Sociolinguística e de seu objeto de estudo, a variação linguística, será trazida na sequência a análise do *corpus*, com base nesses pressupostas na seção 4, após a metodologia.

3. Metodologia

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, na qual foi necessária a leitura de livros, artigos e teses, que fundamentam o tema em apreço, possibilitando um olhar sistemático, com base na Sociolinguística, sobre os dados que compõem a canção popular “Na asa do vento”, de João do Vale.

Ressalte-se ainda que a pesquisa é de abordagem quali-quantitativa, tendo em vista que a primeira, dita pesquisa qualitativa é definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizan-

do-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados, segundo Bardin (2011), já a segunda, quantitativa, caracteriza-se pelo uso da quantificação, tanto na coleta quanto no tratamento das informações, utilizando-se de técnicas estatísticas (Cf. RICHARDSON, 1999).

Nessa direção, foi utilizada a canção popular, composta e cantada pelo artista pedreirense, a partir de um vídeo do *Youtube*, em que sepôde ouvir e averiguar os fenômenos fonológicos peculiares à fala de João do Vale, em virtude de a música ser capaz de produzir linguagem e comunicação, na expressão da diversidade social e cultural de um povo.

O *corpus* deste estudo, como já fora mencionado, é constituído de dados retirados da canção popular “Na asa do vento”, de João Vale, a qual foi lançada em meados dos idos de 1958, a partir da audição da música cantada por seu compositor, que permitiu a transcrição da letra, para posterior análise de viés sociolinguístico.

Abaixo, segue a letra da canção, conforme transcrição realizada para análise:

“Na asa do vento” – João do Vale

(V01) Deu meia noite, a lua faz um claro

(V02) Eu <assubo> nos aro, <vô><brinca> no vento leste

(V03) A <araia> tece puxando o fio da teia

(V04) A <ciênça> da <abeia>, da <araia> e a <mia>

(V05) Muita gente <discunhece>

(V06) Muita gente <discunhece>, olará, viu?

(V07) Muita gente <discunhece>

(V08) Muita gente <discunhece>, olará, tá?

(V09) Muita gente <discunhece>

(V10) A lua é clara, o sol tem <rasto><vermeio>

(V11) É o <má> um grande <ispeio> onde os dois vão se <mirá>

(V12) Rosa amarela quando <mucha> perde o <chêro>

(V13) O <amô> é <bandulêro>, pode inté <custá><diero>

(V14) É <fulô> que não tem <chêro> e todo mundo <qué><cherá>

(V15) Todo mundo quer <cherá>, olará, viu?

(V16) Todo mundo quer <cherá>

(V17) Todo mundo quer <cherá>, olará, tá?

(V18) Todo mundo quer <cherá>

Fonte: Transcrição feita por meio do vídeo “Na asa do vento”, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_-nLwqA2NE. Acesso em: 19 ago. 2021.

A partir da transcrição, foi possível sistematizar as análises para o estudo, uma vez que verificaram-se os processos fonológicos presentes na voz do “poeta do povo”, em diferentes versos, os quais são referenciados nas análises por V1, V2, V3, V4, V5 e assim por diante, para uma melhor compreensão. Posteriormente, esses dados foram organizados em quadros para uma análise qualitativa, conforme a realização do fenômeno em destaque, os quais passaram, primeiramente, por uma análise quantitativa, a fim de se averiguar quais processos foram mais e menos recorrentes no *corpus*.

Para analisar os percentuais, contou-se com a planilha *excell* do *word*, não contando com nenhum Programa de análise de dados estatísticos, tais como o GOLDFARB²⁵⁸, uma vez que não é possível fazer uma estratificação dos dados nos moldes da sociolinguística variacionista, haja vista que não se tem variáveis que podem ser correlacionadas a fatores variados, dentre estes citem-se sexo/gênero, escolaridade etc.

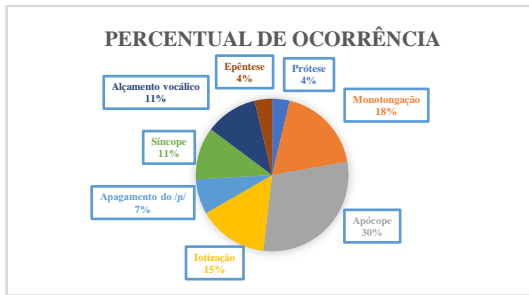
4. Variação Fonológica na Voz do “Poeta do Povo”: uma proposta de análise

Nesta seção, apresentam-se os resultados da pesquisa, obtidos mediante as ocorrências de fenômenos sociolinguísticos que caracterizam a variação fonológica implicada na canção “Na asa do vento” composta e cantada por João do Vale, com vistas a uma descrição dos dados em evidência.

Inicialmente, apresenta-seo gráfico 1, com a finalidade de expor o quantitativo de ocorrências de fenômenos fonológicos encontrados no *corpus*. Posteriormente, é feita a análise de cada processo, separadamente, com o apoio de textos que tratam sobre aspectos fonético-fonológicos e sociolinguísticos.

²⁵⁸ É um programa elaborado especialmente para a quantificação dos dados e posterior análise sociolinguística. Ele surgiu a partir do pacote de programas tradicionalmente conhecido como Varbrul (do inglês Variable Rules), o qual tinha um programa específico para cada ação.

Gráfico 1: Percentual de ocorrência de processos fonológicos no *corpus*.



Fonte: Pesquisa direta.

No gráfico 1, é possível observar o percentual dos processos fonológicos encontrados no *corpus*, que contabilizaram um total de 27 ocorrências. Transformando esse quantitativo em porcentagem, tem-se, na ordem da análise os seguintes dados: 4% dos dados sofrem prótese; 18% monotongação; 30% apócope; 15% iotização; 7% apagamento da nasal palatal /ɲ/; 11% síncope; 11% alçamento vocálico; e 4% epêntese. Assim, fica evidenciado que na canção *Na asa do vento*, de João do Vale aparecem dados linguísticos que materializam a variação fonológica, por intermédio desses 8 processos supramencionados.

Em uma linha crescente, a respeito da ocorrência desses fenômenos, tem-se: a apócope (30%), com um maior número de casos, seguida da monotongação (18%), iotização (15%), síncope e alçamento vocálico (11%), apagamento da nasal palatal /ɲ/ (7%) e prótese e epêntese (4%). Como se vê, o processo fonológico mais produtivo no corpus é a apócope e os menos produtivos são a prótese e a epêntese, de modo que é possível estabelecer uma relação com a questão da lei do menor esforço, tendo em vista que os usuários da língua preferem realizar o apagamento de elementos segmentais a inseri-los. Pode-se inferir que, a intenção do Poeta João do Vale tenha sido causar um efeito na poesia que, para efeito de métrica, isso ocorra deliberadamente, como se verifica em “<vô>brinca> no vento leste”

A partir da relação dos 8 processos fonológicos evidenciados no gráfico 1, faz-se análise de cada um deles, separadamente, a seguir:

Quadro 1: Caso de prótese.

Processofonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Prótese	<assubo>	<subo>	(V02)

Fonte: Pesquisa direta.

O fenômeno destacado no quadro 1 é demarcado pela inserção de fonema no início do vocábulo, por intermédio da prótese do segmento /a/. Dessa forma, tem-se a transformação da palavra <subo> para <assubo>, dentro do contexto: “Eu <assubo> nos aro”, no V02 da canção. Os casos de prótese são situados dentro do grupo de “processos que inserem segmentos”, como asseguram Callou e Leite (1994, p. 44), os quais abrangem tanto a epêntese, na adição de elementos segmentais na posição medial da palavra, quanto a paragoge, na adição de elementos segmentais na posição final. Há poucas produções científicas especificamente sobre este fenômeno, contudo, observa-se que ele é muito produtivo em alguns contextos brasileiros, sobretudo nos dialetos rurais. Coutinho (1958) aponta casos de prótese na evolução do latim para o português, como por exemplo: stare/ estar, scribere/ escrever; este fato vai de encontro com as ideias de Amaral (1920), ao sugerir que este não é fenômeno tipicamente do falar rural. Apesar disso, a variante *assubir* é uma forma do falar rural.

A prótese é um processo fonológico classificado, na linguística tradicional, como um fenômeno que se materializa mediante a inserção de segmentos iniciais nas palavras, no dizer de Gonçalves (1992), que apresenta um estudo de base difusionista sobre aférese e prótese. É interessante destacar que, antes da análise dos dados, o autor aponta algumas particularidades dos fenômenos no que diz respeito à produção do léxico envolvido na amostra extraída das 64 horas de fala carioca que compõem a Amostra Censo de Variação Linguística, quais sejam: o léxico em apreço é muito limitado; e os itens envolvidos são mais afetados por aférese do que por prótese, tendo uma ocorrência de 29% e 14%, respectivamente. Deste modo, o pesquisador evidencia que há um indicativo de que a lei do menor esforço atua como “agente refreador da mudança protética, no intuito de inibir a inserção do /a/” (GONÇALVES, 2012, p. 68).

Em relação ao que foi dito, anteriormente, sobre a produção de prótese em dialetos rurais, é válido destacar a pesquisa de Maryelle Cordeiro e Simone Carvalho (2016), as quais investigaram próteses no português rural mineiro, com dados originários de 72 entrevistas orais realizadas em seis localidades mineiras: Águas Vermelhas, Passos, Serra do Cipó (que abrange parte dos municípios de Santana do Riacho e Jaboticatubas), Minas Novas, Sabinópolis e Luisburgo. O corpus de análise foi extraído de seis dissertações distintas, que foram produzidas entre 2008 e

2014, apontando um quantitativo de 34 dados que apresentam casos de prótese. Os resultados do estudo apontam que a palavra *alembrear* é produtiva em todas as localidades investigadas, e, que, as palavras *alevantar*, *ajuntar*, *alevar*, *apreparar*, *arriuir*, *avuar*, *envir*, são específicas de comunidades distintas. Nesses dados rurais apreciados, as autoras verificaram que há casos de prótese conservados pelos falantes que indicam arcaísmos, tais como: *adispois*, *alembrear* e *avuar*.

Quadro 2: Caso de monotongação.

Processofonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Monotongação	<vô>	<vou>	(V02)
	<chêro>	<cheiro>	(V12) e (V14)
	<bandulêro>	<bandoleiro>	(V13)
	<diero>	<dinheiro>	(V13)
	<cherá>	<cheirar>	(V14)

Fonte: Pesquisa direta.

O quadro 2 apresenta casos de monotongação, que, segundo Camara Jr. (1979, p. 170), é uma “mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante [do processo] (...)”. Verificam-se, assim, as ocorrências: <vô> ao invés de <vou>, dentro do contexto: “<vô><brinca> no vento leste”, no (V02) da canção, em que há a mudança do ditongo /ow/ para o monotongo /o/; <chêro> ao invés de <cheiro>, no contexto: “Rosa amarela quando <mucha> perde o <chêro>”, no (V12), no qual se observa a redução do ditongo /ei/ para /e/; <bandulêro> ao invés de <bandoleiro>, apresentando a redução do ditongo /ei/ para /e/, no contexto: “O <amô> é <bandulêro>”, no (V13); <diero> ao invés de <dinheiro>, que também apresenta a redução de /ei/ para /e/, no contexto: “pode inté <custá><diero>”, no (V13); e <cherá> ao invés de <cheirar>, encontrado no contexto: “e todo mundo <qué><cherá>”, no (V14), tendo a mesma mudança ocorrida nos dados <chêro>, <bandulêro> e <diero>.

A análise da ocorrência de monotongação na canção *Na asa do vento*, coaduna-se com a pesquisa de Socorro Aragão (2014), ao investigar a fala de 25 capitais brasileiras (incluindo todas as capitais nordestinas), a partir de dados coletados em pesquisas do Atlas Linguística Brasileiro (ALiB), por intermédio de Questionários Fonético-Fonológicos (QFF), a autora apresenta um estudo dos processos fonológicos de ditongação (monotongos que se ditongam com a semivogal [y]) e monotongação (realizam dos ditongos [ay, ey, ow] que se monotongam), a fim de

correlacioná-los com os contextos linguísticos e suas implicações dialetais e sociolinguísticas.

Em relação aos resultados apontados pela autora, para a monotongação, verificou-se que os parâmetros linguísticos que favorecem a realização do processo são: contexto posterior, em que há a presença dos segmentos consonantais /Σ,Z, P/, como em *baixa* – [‘baΣa], *beijo* – [‘beZu] e *ouro* – [‘toPu]; extensão da palavra, uma vez que, quanto maior o número de sílaba, maior possibilidade de ocorrer monotongação, com em *prateleira* – [πPατΣι ‘λεPA]; tipo de registro, que pode ser coloquial, informal e familiar, fator de maior relevância para a ocorrência de monotongação. Do ponto de vista sociolinguístico, a autora aponta que a monotongação é pertinente ao nível ou registro coloquial, de modo que os informantes, embora tenham nível superior de escolaridade, produzem a monotongação (Cf. ARAGÃO, 2014).

Quadro 3: Caso de apócope.

Processo fonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Apócope	<brincá>	<brincar>	(V02)
	<má>	<mar>	(V11)
	<mirá>	<mirar>	(V11)
	<amô>	<amor>	(V13)
	<custá>	<custar>	(V13)
	<fulô>	<flor>	(V14)
	<qué>	<quer>	(V14)
	<cherá>	<cheirar>	(V14), (V15), (V16), (V17) e (V18)

Fonte: Pesquisa direta.

O quadro 3 apresenta casos de variação fonológica pela apócope do fonema /r/ no final do vocábulo. Esse fenômeno enquadra-se no grupo dos “processos que apagam segmentos (...), tradicionalmente denominados *síncope*, *aférese*, *apócope* (...)” (CALLOU; LEITE, 1994, p. 45, grifos das autoras). Para se classificar um processo fonológico por apagamento, é necessário, pois, verificar a posição em que há a perda de elemento(s) segmental(is), visto que a eliminação de um fonema na posição inicial do vocábulo caracteriza um caso de aférese, como em <tá> ao invés de <está>; na posição medial indica um caso de síncope, como em <xícra> ao invés de <xícara>; e, na posição final, indica caso de apócope, conforme os exemplos do quadro, acima.

Nos dados presentes no quadro 3, pode-se constatar que há a ocor-

rência de apócope no corpus, a considerar duas classes gramaticais, quais sejam: verbos e substantivos. Verificou-se que, na classe de verbos, realizam-se: <brincá> ao invés de <brincar>, no contexto: “<vô><brinca> no vento leste”, no (V02) da canção; <mirá> ao invés de <mirar>, no contexto: “onde os dois vão se <mirá>”, no (V11) da canção; <custá> ao invés de <custar>, no contexto: “pode inté <custá><diero>”, no (V13) da canção; <qué> ao invés de <quer>, no contexto: “e todo mundo <qué><cherá>”, no (V14); e <cherá> ao invés de <cherar>, no contexto: “e todo mundo <qué><cherá>”, no (V14) da canção.

Em relação à classe de substantivo, tem-se os seguintes dados: <má> ao invés de <mar>, no contexto: “É o <má> um grande <ispeio>”, no (V11) da canção; <amô> ao invés de <amor>, no contexto: “O <amô> é <bandulêro>”, no (V13) da canção; e <fulô> ao invés de <flor>, no contexto: “É <fulô> que não tem <chêro>”, no (V14) da canção.

Dentro da classe de verbos, verifica-se o apagamento de /r/, que é, ao mesmo tempo, um morfema, por ser o elemento mórfico indicador de infinito verbal. Nesse aspecto, há uma interface entre dois níveis linguísticos: de um lado, a fonologia, por tratar-se do apagamento de um fonema; de outro, a morfologia, por tratar-se do apagamento de um morfema. Dessa feita, esses dados corroboram uma análise morfofonológica. No que diz respeito aos substantivos, há apenas uma questão fonológica, pois o /R/ que é suprimido cumpre apenas a função de fonema.

Analisando esses dados, é interessante destacar uma questão que chama a atenção de início: há uma maior recorrência de apócope na classe gramatical de verbos do que na de substantivos, o que indica que a primeira classe representa um fator condicionante mais favorável à realização da apócope. Esta questão reverbera resultados de pesquisas sociolinguísticas acerca do apagamento do /R/ na posição final de palavras, em falares brasileiros, como no caso da pesquisa de Jessé da Silva Lima (2016), cujo objetivo foi o de analisar o funcionamento do referido fenômeno produzidos por moradores de Goiás, Brasília e a região do seu entorno, a fim de verificar quais fatores favorecem a sua realização.

Para análise dos dados, o autor selecionou a procedência e o grau de escolaridade (ensino médio ou superior) como variáveis extralinguísticas e classes de palavras, extensão do vocábulo e tonicidade da sílaba como variáveis linguísticas, tendo como variáveis dependentes o preenchimento do /R/ e o apagamento Ø.

No que respeita às variáveis sociais selecionadas, a procedência

foi a que se mostrou mais significativa para a realização do apagamento de /R/. Nesse contexto, os resultados revelam que a realização do apagamento é mais produtiva nas três localidades investigadas, de modo que são 94,17% da preferência da variante Ø pelos moradores de Luziânia-GO, em relação ao preenchimento de /R/, 82, 56% pelos moradores de Brasília-DF e 91% pelos moradores do entorno.

No tocante às variáveis linguísticas, a classe de palavra e a extensão do vocábulo se mostram mais favorecedoras à realização do apagamento de /r/ no final de palavra. Nesse sentido, dentro das classes de palavra a que mais se destaca é o verbo, apresentando um percentual de 84,85% em relação às outras (nome, pronome e preposição). Sobre a extensão do vocábulo, o resultado aponta que, quanto maior a extensão da palavra, mais propensa ela estará a sofrer apócope, dessa maneira, os dados apontam que em 100% das ocorrências de palavras polissílabas houve apagamento do /r/ na posição final do vocábulo.

Para Calou, Leite e Moraes (1998) o apagamento do **R** em posição de coda, em final de palavra, é um fenômeno antigo no português do Brasil, tendo se iniciado esse processo no século XVI, nas peças de Gil Vicente, uma característica dos falares incultos. Contudo, o fenômeno expandiu-se, sendo muito comum, atualmente, na fala dos vários estratos sociais.

Quadro 4: Caso de iotização.

Processofonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Iotização	<araia>	<aranha>	(V03) e (V04)
	<abeia>	<abelha>	(V04)
	<vermeio>	<vermelho>	(V10)
	<espeio>	<espelho>	(V11)

Fonte: Pesquisa direta.

Nesse quadro, evidencia-se a ocorrência de iotização no *corpus*, que consiste na “(...) evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: *palia>paia* (...)” (COELHO; GÖRSKI; SOUZA; MAY, 2015, p. 25, grifos dos autores). Para tanto, tem-se, por um lado, o dado: <araia> ao invés de <aranha>, presente no contexto: “A <araia> tece puxando o fio da teia”, no (V03) da canção, em que se pode verificar a mudança da nasal palatal /ɲ/ para a semivogal /y/. Por outro lado, tem-se a mudança da lateral palatal /ʎ/ para /y/, nos dados: <abeia> ao invés de <abelha>, no contexto: “A <ciênça> da <abeia>”, no (V04) da canção; <vermeio> ao invés de <vermelho>, no contexto: “o sol tem <rasto><vermeio>” no (V10); e <espeio> ao invés de <espelho>, no con-

texto: “É o < má > um grande < ispeio >”, no (V11). Conforme os autores, o que justifica linguisticamente a variação entre a lateral palatal /k/ e a semivogal /y/ é a aproximação entre os pontos de articulação de ambos os segmentos.

Ainda sobre a correlação entre a despalatalização e a iotização, Socorro Aragão (1996) aponta outros aspectos além do que foi referido por Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza e Guilherme May (2015), como a articulação defeituosa ou relaxada, fatores de cunho social, em virtude de esses fenômenos serem mais recorrentes em falantes com baixo nível de escolaridade. Além do mais, deve-se considerar o fator geográfico, tendo em vista que são fenômenos atrelados, sobremaneira, a falares rurais ou de regiões mais afastadas.

Em sua pesquisa, Socorro Aragão (1996) estuda a despalatalização, a iotização e o apagamento referentes aos fonemas /k/ e /ɲ/ no falar de Fortaleza, a partir de dados de 6 entrevistas, sob um viés variacionista, de modo a analisar esses fenômenos, relacionando-os aos contextos linguísticos, sociolinguísticos, locais e regionais. Como o artigo apresenta resultados preliminares, apenas o contexto linguístico foi elucidado. Em relação à iotização, os dados apontam uma recorrência de 19,99%, contra 48,24% e 31,80%, para o apagamento da nasal palatal e permanência da lateral e nasal palatais, respectivamente.

Quadro 5 – Caso de apagamento do /ɲ/.

Processo fonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Apagamento do /ɲ/	< mia >	< minha >	(V04)
	< diero >	< dinheiro >	(V13)

Fonte: Pesquisa direta.

O quadro 5 apresenta a ocorrência de casos de apagamento da nasal palatal /ɲ/, que “(...) os autores não têm dado muita ênfase, com exceção de AGUILERA (1994: 219), que registra o fato no falar do Paraná, porém com ocorrência mínima (...)” (ARAGÃO, 1996, p. 4). Os dados encontrados no *corpus* foram: < mia > ao invés de < minha >, no contexto: “A < ciência > da < abeia >, da < araiia > e a < mia >”, no (V04) da canção, dado este já mencionado por Socorro Aragão (1996); e < diero > ao invés de < dinheiro >, no contexto: “pode inté < custá > < diero >”, no (V13) de “Na asa do vento”.

Socorro Aragão (1996), ao estudar as laterais palatal e nasal, assinala que o apagamento da nasal palatal é um dos fenômenos predominantes no falar de Fortaleza, em comparação com a iotização e com a

permanência desses elementos segmentais, em posição anterior à vogal fechada /i/, que informa que a nasalização é conservada na vogal, como em: “[‘mĩna > ‘mĩa], [kã’mĩnu > kã’mĩ]; [la]; [lago’ĩna > logo’ĩa], e tantos outros casos” (ARAGÃO, 1996, p. 6).

Em linhas gerais, os resultados alcançados pela autora revelam que, no falar de Fortaleza, em relação às laterais palatal e nasal, há: a) apagamento do /ɲ/ em sílaba posterior à vogal fechada / i / e de final de palavra; iotização do /k/ e do /ɲ/ em sílabas na posição medial e final de palavras; c) uma permanência do /k/ e do /ɲ/ seguidos de vogais abertas /a - ε - ɔ /; e d) não ocorrência ou ocorrência mínima do apagamento do /k/, da despalatalização do /k > l/ e da dupla iotização do /k - ɲ > yy/.

Quadro 6: Caso de Síncope.

Processo fonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Síncope	<ciênça>	<ciência>	(V04)
	<rasto>	<rastro>	(V10)
	<mucha>	<murcha>	(V12)

Fonte: Pesquisa direta.

No quadro 6, há a presença dos dados de variação fonológica por síncope no corpus. Para Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza e Guilherme May (2015, p. 26, grifos dos autores), a síncope é a “supressão de um segmento sonoro no interior da palavra. Há uma tendência de as proparoxítonas se igualarem às paroxítonas, que são muito mais frequentes na língua portuguesa (...) Como exemplos, temos casos como *relampo* (por ‘relâmpago’) (...)”. Embora os autores defendam a disposição das proparoxítonas para sofrerem síncope no português brasileiro, o que é, inclusive, consenso entre os pesquisadores que estudam tal fenômeno, verificou-se que na canção *Na asa do vento* há uma menor recorrência de síncope em palavras proparoxítonas, como no dado: <ciênça> ao invés de <ciência>, no contexto: “A <ciênça> da <abeia>”, no (V04) da canção, em que se evidencia a eliminação da vogal /i/ no interior do vocábulo. Os dados seguintes apresentam a síncope de /r/ em palavras paroxítonas, as quais conservam o acento na penúltima sílaba: <rasto> ao invés de <rastro>, no contexto: “o sol tem <rasto><vermeio>”, no (V10); e <mucha> ao invés de <murcha>, no contexto: “Rosa amarela quando <mucha> perde o <chêro>”, no (V12).

Araújo, Almeida e Santos (2014) investigam a realização de casos de síncope apenas em palavras proparoxítonas, a partir de dados extraídos do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), a fim de analisar as variáveis linguísticas (contexto fonológico precedente, contexto fonológico

seguinte, classificação lexical, extensão da palavra e item lexical) e extralinguísticas (gênero, escolaridade e área geográfica) que influenciam. Os resultados alcançados pelas autoras, os quais foram analisados com o auxílio do GoldVarb X, revelam que os fatores mais relevantes para a realização da síncope, são: o contexto fonológico precedente, por intermédio da lateral /l/, com um peso relativo de 0.88 e da oclusiva /t/, com um peso relativo de 0.82; o contexto fonológico seguinte, mediante a lateral /l/, com um peso relativo de 0.76; e a classificação lexical, a partir de termos mais usuais, com um peso relativo de 0.87.

Quadro 7: Caso de alçamento vocálico.

Processofonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Alçamento vocálico	<discunhece>	<desconhece>	(V05), (V06), (V07), (V08) e (V09)
	<ispeio>	<espelho>	(V11)
	<bandulêro>	<bandoleiro>	(V13)

Fonte: Pesquisa direta.

O quadro 7 apresenta dados que sofreram alçamento vocálico: <discunhece> ao invés de <desconhece>, no contexto: “Muita gente <discunhece>”, no (V05) da canção, em que se verifica que as vogais médias /e/ e /o/ sofrem um alteamento, tornando-se /i/ e /u/, respectivamente; <ispeio> ao invés de <espelho>, no contexto: “É o <má> um grande <ispeio>”, no (V11) da canção, em que há o alteamento da vogal média /e/ para /i/; e <bandulêro> ao invés de <bandoleiro>, no contexto: “O <amô> é <bandulêro>”, no (V13), em que há o alçamento da vogal média /o/ para /u/.

Paim e Anjos (2015) analisaram o alçamento das vogais médias pretônicas /e, o/, a partir de oito inquéritos da cidade de Salvador, com um total de 1.870 dados. Em relação à frequência das variantes das vogais em Salvador, os autores apontam uma recorrência predominante das vogais abertas /ε, o/, com um percentual de 60,3% e 57,8%, respectivamente, contra 20,3% para a vogal alta /i/, 19,4% para a vogal média /e/, 24,9% para a vogal alta /u/ e 17,3% para a vogal média /o/. No tocante ao alçamento das vogais médias foram selecionadas três variáveis extralinguísticas para análise: sexo, faixa etária e nível de escolaridade, dentre as quais o programa GoldVarb considerou a variável faixa etária como mais significativa para a realização do alçamento vocálico.

Quadro 8: Caso de epêntese.

Processofonológico	Variante não padrão	Variante padrão	Referência
Epêntese	<fulô>	<flor>	(V14)

Fonte: Pesquisa direta.

Para Izete Coelho, Edair Görski, Christine Souza e Guilherme May (2015, p. 26, grifos dos autores), epêntese significa a “(...) emissão de uma vogal entre consoantes. É o que encontramos em *obiter* (por ‘ob-ter’), *pineu* (por ‘pneu’), *adivogado* ou *adevogado* (por advogado), *ritimo* (por ‘ritmo’) (...)”. Deste modo, o quadro 8 apresenta a ocorrência de epêntese na canção *Na asa do vento*: <fulô> ao invés de <flor>, no contexto: “É <fulô> que não tem <chêro>”, (V14), em que se notaa inserção da vogal /u/ entre os segmentos consonantais /f/ e /l/.

O segmento vocálico inserto no interior da palavra <flor> é o que Edwin Williams (1975) denomina de vogal parasitária, caracterizando, assim, um caso especial de epêntese chamado anaptixe ou suarabácti, que, em uma perspectiva histórica, é um fenômeno atrelado à evolução da língua, em que era comum uma vogal ser inserida entre um grupo consonântico, um deles devendo ser /l/ ou /r/, como na palavra arcaica *caronica*<*chronicam*>.

A epêntese vocálica é um fenômeno fonológico comum à fala, contudo, também é produtivo em textos escolares redigidos por alunos da educação básica. Nesse contexto, Silva e Silva (2012), realizaram uma pesquisa com o intuito de analisar a influência de variantes extralinguística (sexo, grau de escolaridade e grau de familiaridade com as palavras) sobre o referido processo, à luz da sociolinguística, a partir de produções escritas de alunos do 6º e 9º do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio, com idade entre 9 e 17 anos. A partir da análise do *corpus*, os autores verificaram que há uma predominância da realização da epêntese por parte de alunos do sexo masculino, com menor grau de escolaridade e com menor familiaridade com as palavras usadas.

5. Considerações finais

Ao final desta pesquisa, pode-se confirmar o cumprimento do objetivo central, por intermédio dos resultados apresentados na seção anterior, que apresentam a análise dos processos fonológicos encontrados na canção *Na asa do vento*, do artista popular João do Vale.

Com tais resultados, foi possível verificar a influência da lingua-

gem popular peculiar ao falar de João do Vale, em sua produção musical, a partir da análise da canção. Assim, é perceptível uma forte interferência da oralidade na produção escrita do autor, materializada, por exemplo, por realizações linguísticas no nível fonológico da língua, em que puderam se analisar oito processos fonológicos distintos, pertinentes a falares negros rurais maranhenses. Pelos processos fonológicos encontrados na canção pode-se observar a presença de prótese, monotongação, apócope, iotização, apagamento da nasal palatal /ɲ/, síncope, alçamento vocálico e epêntese. Através desses processos, percebe-se a presença da variação linguística calcada na oralidade, que sobremaneira, realça os traços característicos da identidade cultural e linguística do poeta João do Vale.

Com esta pesquisa, espera-se que haja uma contribuição para os estudos já existentes sobre a temática e para outros que serão realizados, uma vez que João do Vale tem uma vasta produção musical, a qual dispõe de muitos dados linguísticos que podem ser analisados na vertente sociolinguística, carecendo, é claro, de um tratamento linguístico.

Isto posto, é válido apontar o desejo por realizar um estudo sociolinguístico que verse sobre a relação entre canções populares de João do Vale e as práticas de ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica do Brasil, sobretudo, porque a BNCC tem apontado ser de suma importância trabalhar na perspectiva da análise semiótica as tipologias e gêneros variados, tendo em vista que, somente assim, oportuniza-se um efetivo aprendizado de língua materna aos alunos do ciclo básico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de *et al.* A despalatalização e consequente iotização no falar de Fortaleza. In: Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, 14., 1996, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, 1996. p. 1-13. Disponível em: <chrome:extension://efaidnbmnndkqplj任课kaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fprofala.ufc.br%2Fwpcontent%2Fuploads%2F2018%2F04%2Ftrabalho1.pdf&clen=74069&chunk=true>. Acesso em: 21 ago. 2012.

ARAÇÃO, Maria do Socorro Silva de. Ditongação e monotongação nas capitais brasileiras. In: Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 17, 2014, Paraíba. *Anais...* João Pessoa: UFPB, 2014. Disponível em: <chrome:extension://efaidnbmnndkqplj任课kaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Falib.ufba.br%2F>

sites%2Falib.ufba.br%2Ffiles%2Fr0395-1.pdf&clen=128949&chunk=true. Acesso em: 20 ago. 2021.

ARAÚJO, Aluiza de Araújo; ALMEIDA, Brenda Kathellen Melo de; SANTOS, Letícia Adriana Pires Ferreira dos. A síncope das proparoxítonas no atlas préviados falares baianos: um olhar variacionista. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 8 n. 11, p. 5-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/issue/view/526>. Acesso em: 21 ago. 2021.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETO, Mariana. A trajetória de João do Vale e os lugares de sua produção musical no mercado fonográfico brasileiro. *Artcultura*, v. 14, n. 24. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/22118>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRAGA, Ludmila Portela Gondim. João do Vale: poesia, canção popular e testemunho. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, 2019. 191f. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Frepositorio.unb.br%2Fbitstream%2F10482%2F35560%2F1%2F2019_LudmilaPortelaGondimBraga.pdf&clen=1719938. Acesso em: 22 ago. 2021.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yone. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *DELTA*, n. 14, set. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000300006> Acesso em 06 out. 2021.

CAMARA Jr. Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

CORDEIRO, Maryelle Joelma; CARVALHO, Simone Dornelas de. Próteses no português rural mineiro. *Cadernos do CNLF*, v. XX, n. 12 – Sociolinguística, dialetologia, e geografia linguística. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, 2016. p. 212-33. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3%2F>

%2Fwww.filologia.org.br%2Fxx_cnlf%2Fcnlf%2Fcnlf_12%2F015.pdf&clen=1018053&chunk=true. Acesso em: 20 ago. 2021.

DAMAZO, Francisco Antonio Ferreira Tito. “O canto do povo de um lugar”: uma leitura das canções de João do Vale. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2004. 176f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103708>. Acesso em 22 ago. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Aférese e prótese: verso e reverso fonológico. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 1, v. 1, p. 65-77, Belo Horizonte, jul./dez. 1992. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/953>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, Mariana Mont’Alverne Barreto. João do Vale e a Formação de um Artista Popular no Brasil, nos Anos de 1950. *Revista de Ciências Sociais*, v. 46, n. 2, Fortaleza, jul./dez., p. 201-24, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/2924/2283>. Acesso em: 22 ago. 2021.

LIMA, Jessé da Silva. Abordagem sociolinguística da apócope final de /r/ em contexto brasileiro-goiano. *Comunicaciones em Humanidades*, n. 5, p. 146-52, 2016. Disponível em: <http://revistas.umce.cl/index.php/Comunicaciones/article/view/1251/1256>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso da história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAIM, Marcela Moura Torres; ANJOS, Vitor Meneses dos. O alçamento das vogais médias pretônicas em Salvador-BA. *Caderno de Letras*, n. 24, jan./jun., p. 139-52, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7297>. Acesso em: 21 ago. 2021.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Leydiane de Sousa. Análise estilística da canção A volta da asa branca. *PERcursos Linguísticos*, v. 7, n. 14, p. 64-81, Vitória-ES, 2017.

Disponível em: file:///C:/Users/ramon/Downloads/guilherme,+3-asa-branca.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTANA, Gilvan da. Variação fonético-fonológica na canção popular nordestina. *A Cor das Letras*, 19 (4Especial), p. 64-78, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.13102/cl.v19i4Especial.2859>. Acesso em: 22 ago. 2021.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 2. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Claudiane Costa da; SILVA, André Pedro da. Epêntese vocálica na escrita: uma abordagem sociolinguística. In: Simpósio Internacional de Ensino da Língua Portuguesa, 2, 2012, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 1-13. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/?page_id=3983. Acesso em: 21 ago. 2021.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VALE, João Batista do. *Na asa do vento*. Youtube, 7 nov. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j_nLwqA2NE. Acesso em: 19 ago. 2021.

WELZEL, Hadassa Nascimento; BIRELLO, Verônica Braga. A questão da variação linguística no Brasil e a imagem no discurso da exclusão: um estudo sobre os róticos. In: Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 4, e Encontro Internacional de Estudos da Imagem, 1, 2013, Londrina. *Anais...* Londrina-PR: UEL, 2013. p. 1427-38. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Feventos%2Feneimagem%2F2013%2Fanais2013%2Ftrabalhos%2Fpdf%2FHadassa%2520Nascimento%2520Welzel%2520e%2520Veronica.pdf&clen=100974&chunk=true>. Acesso em: 22 ago. 2021.

WILLIAMS, Edwin B. Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Trad. de Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.